

**A LEITURA NA ESCOLA DE 1º GRAU:  
por uma outra leitura da leitura**

EDSON GABRIEL GARCIA  
São Paulo, Loyola, 1988  
(Série Práticas Pedagógicas, 1)

**A PRODUÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA:  
Uma Trajetória da Palavra**

ANTONIO GIL NETO  
São Paulo, Loyola, 1988  
(Série Práticas Pedagógicas, 2)

Ler e escrever. Esses dois verbos, se conjugados verdadeiramente, poderiam se constituir no eixo do processo de mudanças da escola. Alunos, professores, equipe técnica, supervisores, administradores, pais, comunidades em geral, todo mundo envolvido no aprendizado pela troca da e pela linguagem.

Esse parece ser um dos motes que entrelaçam os livros *A leitura na escola de 1º grau – por uma outra leitura da leitura* de Edson Gabriel Garcia e *A produção de textos na escola – uma trajetória da palavra* de Antonio Gil Neto, da coleção Práticas Pedagógicas.

Numa época de recessão – das verbas para a escola pública à palavra do professor – o lançamento dessa coleção é muito importante. Coordenada por um professor, o próprio Edson, ela se dirige principalmente aos professores de 1º grau, mas certamente será muito útil aos profissionais da educação em geral e aos estudantes de magistério ou faculdades, pois oferece ao leitor sugestões e alternativas à prática pedagógica da escola, hoje. Projeta um espaço para a discussão e busca de uma nova pedagogia no aprendizado da língua escrita.

Abrindo a coleção, o livro de Edson Gabriel Garcia é uma coletânea de textos escritos em diferentes épocas para cursos, simpósios, bienais.

O autor usa sua experiência e voz de professor de Português, Coordenador do Programa de Salas de Leitura da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1983 a 1985), escritor e leitor, para denunciar e propor.

Nos assuntos abordados – de precariedade de condições de trabalho em nossas escolas ao modo de trabalhar um texto em sala de aula, ou escolher um acervo para sala de leitura – a marca registrada que unifica esses textos é o desejo de que a escola venha a ser um território livre de leitura: textos e livros de todos os tipos e tamanhos devorados, saboreados, usados. Enfim, parte do cotidiano. Pela troca e crítica do lido, pelo exigido, uma nova escola menos precária de condições e de saber.

*A produção de textos na escola – uma trajetória da palavra*, segundo volume da coleção, é o outro lado da mesma moeda na leitura e reescrita da escola. Nesse livro, o autor compõe um mosaico de textos-fragmentos: alunos, professores, escritores, especialistas estão presentes com a sua palavra. Não como mera ilustração, mas como participantes na construção de um fazer lingüístico. No espaço entre eles, o discurso do Gil, unindo teoria e prática, desenhando os contornos de uma possível prática pedagógica em que a palavra do aluno tem força e voz. No conjunto, as marcas vivas de um educador.

São trechos de experiências, propostas de trabalho, sugestões de encaminhamentos de produção de textos. Nelles, sobretudo, a afirmação de que, embora não esteja inscrita no currículo de 1º grau, a questão da afetividade – o trabalho com as emoções, com a sensibilidade de cada um – faz parte do programa de quem quer ensinar-aprender o ler e escrever. No trabalho com a palavra, o afetivo e o intelectual se unem e o "importante é a conversa fluir e tornar verdadeiros os diálogos da sala-de-aula" (p.38). Se a intenção era provocar uma conversa, incomodar o leitor, esses textos – de ambos os volumes – atingem seu objetivo. A linguagem usada é simples e fluente. Quase uma conversa, na qual nos envolvemos (concordamos, discordamos), nos identificamos.

Em meio ao desalento geral, à falta de perspectiva profissionais e desprestígio em que nós, educadores, vivemos atualmente, esses textos falam de saídas, de caminhos e, principalmente, colocam em pauta a possibilidade do prazer e da dignidade do ser professor, apesar de tudo.

Regina Maria Hubner